

REFLETINDO SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

20.04.2020

Estamos no século XXI. A humanidade já viveu e sobreviveu a inúmeras epidemias que ceifaram incontáveis vidas, em muitas sociedades. Em 2019 surge o Coronavírus. Em curto espaço de tempo, leva o planeta Terra a um estado de pandemia. Milhares de indivíduos estão morrendo, e ainda vão morrer, em consequência de serem acometidos pela COVID-19. Como controlar este vírus que está desafiando a ciência e a inteligência humana?

Na Era da Saúde Pública, ações para o controle de epidemias e endemias se baseavam em implantar medidas ligadas à mudança no comportamento individual e o isolamento dos doentes, na intenção de evitar contaminação dos sadios, enquanto não surgia um tratamento adequado e/ou uma vacina eficaz. As ações eram eminentemente preventivas, baseadas no monopólio do discurso biológico, no campo da saúde.

Rompendo com a Saúde Pública, surge o campo teórico e posteriormente prático, da Saúde Coletiva, aqui no Brasil, em 1979. Esta se propõe a ir além, buscando atentar para as relações entre o biológico e o psicossocial. A Saúde Coletiva é um campo que abarca muitos saberes, suas ações devem exceder o nível individual biológico e a proposta de mudanças no estilo de vida das pessoas. É preciso abarcar as redes sociais e comunitárias, as condições de vida e trabalho, e também os macrodeterminantes no campo da saúde.

Em sequência, estamos vendo o surgimento da medicina integral, sendo inclusive colocada nas novas diretrizes curriculares dos cursos de medicina do nosso país, publicada em junho de 2014, como o paradigma que deve nortear a formação dos novos médicos. No âmbito da medicina integral, o cuidado em saúde precisa levar em consideração todos os níveis do humano, a saber o biológico, o psíquico, o sociocultural e o espiritual. Assim, espera-se que as ações de saúde diante da pandemia da COVID-19, siga o paradigma da concepção ampliada de saúde e da medicina integral, que visa transcender o problema da doença em si e atuar na complexidade do ser humano doente, para além das ações em seu corpo. São necessárias estratégias frente as populações vulneráveis, em função de suas características individuais de idade e da presença de morbidades crônicas que de algum modo diminuem a sua imunidade, estratégias no estilo de vida e comportamento, aqui colocadas como as sugestões de higiene, uso de equipamentos de proteção individual, reforço em hábitos alimentares favoráveis a uma boa saúde, e o distanciamento social. Contudo, é preciso avançar, e atentar para outras vulnerabilidades presentes nas populações que sofrem com as iniquidades sociais. É necessário verificar também que determinados grupos sociais, sejam por questões culturais, religiosas, condição socioeconômica, de saúde mental, e outras, apresentarão

dificuldades em seguir as orientações referentes à mudança de comportamento e distanciamento social. Urge conhecer e atuar sobre os impactos na saúde mental e física de pessoas que não estão conseguindo lidar com o excesso de estresse do momento atual, em função do medo da doença e/ou da morte e da dificuldade em manter-se em distanciamento social. Além disto importa não subestimar o impacto econômico frente a uma pandemia, e buscar estratégias para amenizá-lo.

Necessário também citar que a saúde de pessoas acometidas de várias doenças agudas ou crônicas, não pode ser subestimada. Infelizmente estamos presenciando negligência no cuidado às populações que sofrem de transtornos mentais e aos portadores de doenças crônicas, que não estão tendo acesso a serviços básicos de saúde para serem atendidas em suas necessidades, muitas vezes descontinuando os seus tratamentos, o que gerará um efeito colateral extremamente danoso na saúde destas populações.

Diante do já dito, o enfrentamento à pandemia da COVID-19 deve ser interdisciplinar, intersetorial, e politicamente equilibrado, já que muitos são os atores envolvidos e os saberes que poderão vir a contribuir para um pensar coletivo e resolutivo a benefício de todos. Passou da hora da medicina baseada no paradigma biomédico admitir que não tem competência para lidar sozinha com um problema tão complexo como uma pandemia, dialogar e compartilhar responsabilidades com outros campos do conhecimento e com a população. Momento importante de fazer valer os princípios do SUS na prática, ao invés de atuar como se ele fosse apenas curativo e o pior, privilegiando apenas a ação tão importante, porém não única, dos profissionais da rede hospitalar de saúde. Onde as políticas de educação, prevenção e promoção da saúde na atenção básica e secundária? Onde o diálogo com diferentes campos de conhecimento e com a população em geral? Onde as ações para além do corpo físico? Onde o cuidado com a saúde e com as condições de trabalho dos profissionais do enfrentamento ao COVID-19?

A humildade e o diálogo no campo da ciência médica, das ciências sociais, da economia e da política podem salvar vidas.

Márcia de Aguiar, CRM-Ba 7772. Doutora em medicina e saúde humana, mestre em ciências sociais, médica especialista em psiquiatria, docente nos cursos de medicina da UNEB e UNIFTC.